



**“Xeque-mate ao tempo, às formas e ao lugar...”. Mestre Eckhart entre o  
fluir do tempo e o remanso da Eternidade**  
**“Checkmate to the time, the forms and the place...”. Meister Eckhart  
between flowing of time and stillness of Eternity**

Matteo RASCHIETTI<sup>1</sup>

**Resumo:** O conceito de tempo na reflexão eckhartiana é um aspecto fundamental que articula o pensamento do dominicano alemão: o modelo metafísico do desenvolvimento do ser supera os conceitos de tempo e eternidade, reconduzindo a pluralidade no Uno, o *duplex esse* no *unum esse*, o temporal no atemporal. A ilustração das características principais desse percurso racional é feita aqui a partir do poema *Granum sinapis*, que condensa os temas principais da especulação filosófico-teológica do turingio, entre os quais há a questão do tempo.

**Abstract:** The conception of time in Eckhart’s reflection is a fundamental point that joins the thought of German Dominican: the metaphysic model of development of being overcomes the concepts of time and eternity, leading plurality into One, the *duplex esse* into *unum esse*, the temporal into timeless. The illustration of the main features of this rational path, here, is done starting from the poem *Granum sinapis*, which condenses the main themes of philosophical-theological speculation of Thüringen, among of that there’s the issue of time.

**Palavras-chave:** Eternidade – tempo – instante – nascimento do *logos* – plenitude.

**Keywords:** Eternity – time – instant – birth of *logos* – fullness.

\*\*\*

## **I. O *Granum sinapis***

Mestre Eckhart, ao longo da sua vida, foi metafísico e místico de grande importância, professor famoso e pregador incansável, poeta sublime e homem de ação. Chegou a ser considerado nada mais nada menos que o Dante alemão, talvez mais pela sua notável contribuição à formação da língua alemã do que pela sua produção poética *stricto sensu*. A ele é atribuída a paternidade de um poema em língua vulgar, sequenciado, que representa um momento culminante da poesia espiritual da Idade Média alemã. Foi transmitido onze

---

<sup>1</sup> Filósofo e Teólogo (doutor pela UNICAMP, especializado em Idade Média, *e-mail*: mbrasiliensis@hotmail.com.)

vezes em nove manuscritos, no âmbito da Alemanha centro-oriental, em Nuremberg e no oeste alemão. A língua original é turíngia (foram acrescentados somente os signos correspondentes à pronúncia original, diferentes do alemão padrão da alta Idade Média). A época de sua origem – considerando o manuscrito de Basileia, próximo do original – é o começo do século XIV. O biógrafo suíço Kurt Ruh, a partir de suas pesquisas, faz esta importante afirmação: “a tradição do texto nos remete aos lugares onde operou o jovem Eckhart: na Turíngia. Portanto, o poema logo foi situado no ‘âmbito’ eckhartiano e sua paternidade foi considerada possível ou provável. Hoje não tenho quase nenhuma dúvida em reconhecer Eckhart não somente como um inspirador espiritual, mas um verdadeiro autor”.<sup>2</sup>

Um fato surpreendente é que o texto conservou, junto ao poema, alguns comentários pormenorizados, em latim e em vernáculo. A forma original do poema é a seguinte:<sup>3</sup>

1) No princípio  
acima de todo conceito  
está sempre a palavra.  
Ó rico tesouro, onde  
sempre o princípio gera o princípio!  
Ó seio paterno  
do qual com alegria  
a palavra sempre fluiu!  
Todavia tem o seio  
a palavra conservado,  
isso é verdadeiro.

2) Dos dois um jorro,  
a brasa do amor,  
elo dos dois,  
aos dois conhecido,  
flui o dulcíssimo espírito  
totalmente idêntico  
indivisível.  
Os três são Uno.  
Conheces tu sua essência? Não.  
Ele compreende si mesmo melhor do que tudo.

3) A união dos três  
suscita profundo espanto,  
este círculo

---

<sup>2</sup> RUH, K. *Meister Eckhart: teologo, predicatore, mistico*. Brescia: Morcelliana, 1989, p. 71.

<sup>3</sup> A versão utilizada aqui é de W. Beierwaltes. Disponível em: <http://www.eckhart.de>. A tradução é nossa.

intelecto nunca tem compreendido:  
aqui há um abismo sem fundo.  
Xeque-mate  
ao tempo, às formas, ao lugar!  
O círculo maravilhoso  
é origem,  
totalmente imóvel está seu ponto.

4) A montanha do ponto  
escalas sem obra,  
razão!  
O caminho te leva  
em um deserto maravilhoso,  
que amplo e espaçoso  
sem limite estende-se.  
O deserto não tem  
nem tempo nem lugar,  
seu modo, isso é original.

5) O deserto Bem  
[em que] nunca pisou um pé,  
intelecto criado  
nunca chegou lá  
ele é, e ninguém sabe  
o que é.  
Está aqui, está lá  
está longe, está perto,  
é profundo, é alto,  
é tal que [todavia]  
não é nem isto nem aquilo.

6) É luz, é claro,  
é totalmente obscuro,  
é sem nome,  
é desconhecido,  
livre do princípio e do fim,  
permanece na paz,  
está nu, sem roupa.  
Quem conhece sua morada?  
Venha lá fora  
e nos diga qual é a sua  
forma.

7) Torna-te como uma criança,  
torna-te surdo, torna-te cego!  
Teu próprio ser  
deve tornar-se nada,  
todo algo e todo nada mandas  
embora!

Deixa lugar, deixa tempo,  
fuja também a imagem!  
Vai sem caminho  
pela vereda estreita  
assim encontrarás o rastro do deserto.

8) Ó minh'alma  
saia, Deus entre!  
Todo meu algo seja  
no nada divino,  
mergulhe no jorro sem fundo!  
Fujo eu de ti,  
[assim] tu vens a mim.  
Perco a mim mesmo,  
assim eu encontro a ti,  
ó bem supra-essencial.<sup>4</sup>

Ao explicar a sexta estrofe, o comentador anônimo, na esteira de Alain de Lille, afirma que Deus

“est alpha et o sine alpha et o”, principium quidem omnium est et finis, sine principio et fine, quod sic apparet, nam omne, quod incipit esse vel desinit, per motum vel mutationem hoc patitur, est autem deus immutabilis, - Malachias III: “ego dominus et non mutor”. Caret igitur principio et fine.

---

<sup>4</sup> “1) In dem Anfang / hoch über dem Begriff / ist stets das Wort. / Reicher Hort, in dem / stets Anfang Anfang gebar! / Brust des Vater, / aus der mit Lust / das Wort stets floß! / Doch hat der Schoß / das Wort behalten / das ist wahr. / 2) Von Zweien eine Flut, / der Liebe Glut, / der Zweien Band, / den Zweien erkannt, / fließt der gar süße Geist / ganz gleich, / untrennbar. / Die Drei sind Eins. / Weißt du ihr Wesen? Nein. / Es weißt sich selbst am besten. / 3) Der Verbindung der Drei / bringt tiefes Erschrecken, / diesen Kreis / hat Verstand nie begriffen: / hier ist Tiefe ohne Grund. / Schach und Matt / der Zeit, den Formen, dem Ort! / Der Wunder Ring / ist Ursprung, / ganz unbeweglich steht sein Punkt. / 4) Des Punktes Berg / besteige ohne Werk, / Vernünftigkeit! / Der Weg trägt dich / in eine wunderbare Wüste, / die breit, die weit, / ohne Maß da liegt. / Die Wüste hat / weder Zeit noch Ort, / ihre Weise, die ist sonderbar. / 5) Der Wüste Gut, / durchschritt nie ein Fuß, / geschaffener Verstand / kam nie dahin: / Es ist, und doch weiß niemand, was (es ist). / Es ist hier, es ist da, / es ist fern, es ist nah, / es ist tief, es ist hoch, es ist [dennoch] so, / 6) Es ist licht, es ist hell, / es ist ganz dunkel, / es ist ohne Namen, / es ist unerkant, / von Anfang und auch Ende frei, / es steht still, / ist bloß, ohne Kleid. / Wer kennt sein Haus? / Der komme heraus / und sage uns, welches seine / Gestalt sei. / 7) Werde wie ein Kind, / werde taub, werde blind! / Dein eigenes Sein / muß Nichts werden, / alles Etwas, alles Nichts treibe / ihinweg! / Laß Ort, laß Zeit, / meide auch das Bild! / Gehe ohne Weg / den schmalen Steg, / so findest du der Wüste Spur. / 8) Meine Seele, / geh aus, Gott ein! / All mein Etwas sei / in Gottes Nichts, / sinke in die grundlose Flut! / Fliehe ich von dir, / Du kommst [dann] du zu mir. / Verliere ich mich, / so finde ich dich, / o überseiendes Gut!”.

“é o alfa e ômega sem alfa e ômega”, na verdade é o princípio e o fim de todas as coisas sem princípio e sem fim, pois assim aparece, porque tudo aquilo que começa ser, ou deixa de ser, deve suportar isso por causa do movimento ou da mudança, mas Deus é imutável, - Malaquias 3: “eu sou o Senhor e não mudo”. Por isso, não tem princípio e fim.<sup>5</sup>

Citando, logo em seguida, a célebre definição de tempo que Aristóteles dá no livro  $\Delta$  da Física (*Phys.*  $\Delta$  11, 219b 1), a saber: “o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois”, ele argumenta que, pelo fato de Deus ser imóvel, não pode haver nele nem o antes e nem o depois, ou seja, só a eternidade condiz com Ele.

O conceito teológico clássico de eternidade remete à definição de Boécio, em sua obra *De Consolatione Philosophiae*:<sup>6</sup> “aeternitas est interminabilis vitae tota simul et perfecta possessio (A eternidade é a posse total, simultânea e perfeita da vida interminável)”.

Nessa definição, o termo *aeternitas* não está ligado ao tempo, mas à vida interminável de Deus, que está na sua posse total e simultaneamente.

## II. O *nunc aeternitatis*

Essas mesmas características de totalidade e simultaneidade do tempo de Deus se encontram também na concepção eckhartiana de tempo, segundo a qual o “instante” (*Nun*) da criação não é um instante temporal, passível de ser medido por um antes e um depois, mas encontra-se no presente:

Nehme ich aber das nun, so begreift das alle Zeit in sich. Das Nun, in dem Gott die Welt erschuf, das ist dieser Zeit so nahe wie das Nun, in dem ich jetzt spreche, und der jüngste Tag ist diesem Nun so nahe wie der Tag, der gestern war.

Se eu tomar o instante presente, ele compreende todo o tempo em si. O instante em que Deus criou o mundo está tão perto desse tempo como o instante em que agora falo, e o dia mais recente está tão perto deste instante como o dia de ontem estava.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> BINDSCHIEDLER, M. *Der lateinische Kommentar zum Granum sinapis*. Basel: Benno Schwabe & Co – Verlag, 1949, n. 54, p. 114.

<sup>6</sup> BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, Cap. V.

<sup>7</sup> ECKHART, M. *Deutsche Predigten und Traktate*. J. Quint (org.). München: Carl Hanser Verlag, 1955, Predigt 10, p. 195.

É um começo que ainda não passou, conseguiu permanecer e está sempre começando de novo. A criação de Deus é eterna porque Ele a cria a todo instante; com efeito, Eckhart não fala de criação eterna, mas de eterna criação, nem de uma criação que não acaba, e sim de uma criação que não acaba de ser realizada:

Gott erschaff diese ganze Welt voll und ganz in diesem Nun. Alles, was Gott je vor sechstausend und mehr Jahren erschuf, als er die Welt machte, das erschafft Gott jetzt allzumal. Gott ist in alle Dingen; aber soweit Gott göttlich und soweit Gott vernünftig ist, ist Gott nirgends so eigentlich wie in der Seele und in den Engeln, wenn du willst: im Innersten der Seele und im Höchsten der Seele. Und wenn ich sage: »das Innerste«, so meine ich das Höchste; und wenn ich sage »das Höchste«, so meine ich das Innerste der Seele. In Innersten und im Höchsten der Seele: ich meine sie (dort) beide als in einem. Dort, wo niemals Zeit eindrang, niemals ein Bild hineinleuchtete: im Innersten und im Höchsten der Seele erschaff Gott die ganze Welt. Alles, was Gott erschuf vor sechstausend Jahren, und alles, was Gott noch nach tausend Jahren erschaffen wird, wenn die Welt (noch) so lange besteht, das erschafft Gott im Innersten und im Höchsten der Seele. Alles, was vergangen ist, und alles, was gegenwärtig ist, alles was zukünftig ist, das erschaff Gott im Innersten der Seele.

Deus cria este mundo inteiro e completo nesse instante. Tudo o que Deus criou há mais de seis mil anos, quando fez o mundo, o cria agora. Deus está em todas as coisas; mas na medida em que Deus é divino e racional, não está Deus em nenhum lugar tão propriamente como na alma e nos anjos, se tu quiseres: na parte mais íntima e mais elevada da alma. E quando eu digo: «mais íntima» eu entendo a mais elevada; e quando eu digo «mais elevada», eu entendo a mais íntima da alma. Na parte mais íntima e mais elevada da alma: eu entendo (lá) ambas as coisas como em uma só. Lá, onde nunca o tempo penetrou, onde nunca uma imagem brilhou: na parte mais íntima e mais elevada da alma, Deus cria o mundo inteiro. Tudo o que Deus criou há seis mil anos, e tudo o que Deus ainda criará daqui a mil anos, se o mundo (ainda) existir tanto assim, Deus o cria na parte mais íntima e mais elevada da alma. Tudo o que é passado e tudo o que é presente, tudo o que é futuro, Deus o cria na parte mais íntima da alma.<sup>8</sup>

A eternidade deve ser assumida como a vida que recomeça sempre e de novo em cada fim, para que a vida não tenha um ponto final. Na especulação metafísica eckhartiana, tempo e eternidade formam um par incindível. Para Carlos Rafael Ruta, “essa polarização de tempo e eternidade parece estruturar o complexo de relações que se estabelecem entre o homem e Deus, a pluralidade e o uno, a criação e o Criador. Estrutura antagônica que deve ser

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, Predigt 43, p. 356.

lida como determinação da transparência perdida do homem em relação à sua Origem”.<sup>9</sup>

### III. O tempo e sua relação com a eternidade

É possível reconhecer, nos sermões em vernáculo de Eckhart, três elementos determinantes para a relação entre o tempo e a eternidade. O primeiro é o fim único da ação de Deus, a geração do seu único Filho:

Der Vater gebiert seinem Sohn in der Ewigkeit sich selbst gleich. »Das Wort war bei Gott, und Gott war das Wort«: es war dasselbe in derselben Natur. Noch sage ich überdies: Er hat ihn geboren aus meiner Seele. Nicht allein sie bei ihm und er bei ihr als gleich, sondern er ist in ihr; und es gebiert der Vater seinen Sohn in der Seele in derselben Weise, wie er ihn in der Ewigkeit gebiert und nicht anders. Er muß es tun, es sei ihm lieb oder leid. Der Vater gebiert seinen Sohn ohne Unterlaß, und ich sage mehr noch: Er gebiert mich als seinen Sohn und als denselben Sohn.

O Pai gera seu Filho na eternidade igual a si mesmo. «A Palavra estava junto de Deus, e Deus era a Palavra»: ele era o mesmo na sua mesma natureza. Além disso, eu digo: ele o gerou na minha alma. Não só ela está junto dele e ele junto dela como igual, mas ele está nela; e o Pai gera o Filho na alma no mesmo modo, como ele o gera na eternidade, e não em modo diferente. Ele deve fazer isso, quer que seja para ele algo agradável ou uma dor. O Pai gera seu Filho sem interrupção, e eu digo mais ainda: ele me gera como seu Filho e como o mesmo Filho.<sup>10</sup>

A geração do *logos* no fundo da alma, que manifesta a união do humano com o divino, impõe suas condições à temporalidade humana. Sair do tempo para alcançar a unidade é o destino e a condição, mas também a natureza do ser humano.

O segundo elemento determinante na relação entre o tempo e a eternidade é o sentido analógico do binômio morte-vida:

Wir preisen das Sterben in Gott, auf daß er uns versetze in ein Sein, das besser ist als Leben: ein Sein, im dem unser Leben lebt, darin unser Leben ein Sein wird. Der Mensch soll sich willig in den Tod geben und sterben, auf daß ihm ein besseres Sein zuteil werde.

---

<sup>9</sup> RUTA, C. R. *La negación de la Esperanza. Una aproximación al problema del tiempo en Meister Eckhart*. In: Aná Mnesis – Revista semestral de investigación teológica publicada por los frailes dominicos de la provincia de Santiago de México, VIII – 1997, n. 2, p. 94-95.

<sup>10</sup> ECKHART, M. *Op. cit.*, Predigt 7, p. 185.

Nós elogiamos a morte em Deus, para que Ele nos transfira para um ser que é melhor do que a vida: um ser no qual viva a nossa vida, no qual a nossa vida se torne um ser. O homem deve aceitar com disposição a morte e morrer, para que lhe seja destinado um ser melhor.<sup>11</sup>

Para o mestre dominicano, a morte se torna vida e a vida é vida enquanto morte da morte. O que impede ao homem de permanecer constantemente naquela morada de onde brota a vida como seu ser próprio, quando a alma chega à sua morte desde seu fundo, é o tempo: “o tempo é outra morte daquela que leva à vida, é a morte de toda outra possibilidade de morrer”.<sup>12</sup>

Finalmente, o terceiro elemento é o nascimento de Deus na alma que acontece na plenitude dos tempos:

Beachtet nun bei dieser Geburt, *wo* sie geschehe. »Wo ist, der geboren ist?« Ich sage aber, wie ich schon öfters gesagt habe, daß diese ewige Geburt in der Seele ganz in der Weise geschieht, wie sie geschieht in der Ewigkeit, nicht weniger und nicht mehr.

Observem, antes de tudo, *onde* acontece este nascimento. “Onde está aquele que agora nasceu?” Eu, porém, afirmo, como já disse outras vezes, que este nascimento eterno acontece na alma assim como acontece na eternidade, nem mais nem menos.<sup>13</sup>

Para que o *logos* possa nascer na alma, todo tempo deve ter desaparecido, e a alma deve ter fugido ao tempo pela vontade ou pelo desejo: no tempo existem a criatura, o pecado e a morte. Essas coisas são tão unidas entre si que, quando a alma se afasta do tempo, não há mais nem pena e nem sofrimento, aliás, até a adversidade se torna alegria para ela.

#### **IV. A centralidade do tempo na existência humana**

A partir desses três elementos, percebe-se que o tempo, na reflexão eckhartiana, não tem valor positivo como a eternidade. Entretanto, a relação tempo-eternidade desvenda a complexidade da existência humana e, por isso, ajuda a esclarecer o valor que o próprio tempo assume e sua centralidade na existência humana. Dentro dela é possível reconhecer duas determinações que caracterizam a criatura. A primeira é a noção de corruptibilidade:

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, Predigt 9, p. 193.

<sup>12</sup> RUTA, C. R. *Op. cit.*, p.95.

<sup>13</sup> ECKHART, M. *Op. cit.*, Predigt 58, p. 425.

Boethius sagt: Gott ist Eins und wandelt sich nicht. Alles, was Gott je erschuf, das schuf er als dem Wandel unterworfen. Alle Dinge tragen, so wie geschaffen werden, Wandelbarkeit auf ihrem Rücken.

Boécio afirma: Deus é uno e não muda. Tudo o que Deus criou, o criou sujeito à transformação. Todas as coisas, enquanto criadas, carregam em si a possibilidade de transformação.<sup>14</sup>

A segunda é o fato de a criatura carregar em si a negação: “Alle Kreaturen tragen eine Verneinung in sich; die eine verneint, die andere zu sein (Todas as criaturas trazem em si uma negação; uma nega ser a outra)”.<sup>15</sup>

Essas duas determinações configuram a diferença ontológica da criatura em relação à sua origem. Dois são os aspectos frisados por Eckhart: por um lado, a criatura é caracterizada pela causalidade e pela finalidade; do outro, pela diferença constitutiva em relação ao Uno. Contudo, a criatura nunca é totalmente separada da origem de seu próprio ser. Por essa razão o mestre dominicano, no Comentário ao Livro do Gênesis, fala de um *duplex esse rerum*, cuja idéia determina o lugar próprio do tempo: “se o tempo se relaciona com o que está sujeito à transformação, isso significa, por sua vez, que a criatura não se abriga totalmente sob a figura do tempo.

Na fundação da dinâmica de sua transformação, a criatura se revela transcendendo o tempo, enquanto seu devir está fundado no ser como realização da diferença. O movimento que emerge do que está separado da unidade enquanto criado deve ser concebido como um impulso em direção da unidade transcendente o temporal e o plural que, entretanto, só pode ser alcançada mediante este mundo.<sup>16</sup>

A transformação da criatura, porém, não se distingue apenas pelas suas características negativas, porque é uma possibilidade de renovação: “o *prius* e *posterius* como determinações que fixam o movimento, oferecem a possibilidade de pensar o desenvolvimento temporal como um processo de renovação. A fugacidade do tempo só se compreende porque o próprio tempo é, por sua vez, renovação. Dessa forma, embora a temporalidade seja o modo daquilo que é incompleto, ela só pode ser concebida na perspectiva de sua plenitude”.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, Predigt 22, p. 251.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 253.

<sup>16</sup> RUTA, C. R. *Op. cit.*, p. 97.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 98-99.

A relação entre tempo e eternidade assume, na obra de Eckhart, os contornos da complementaridade:

Wann ist »Fülle der Zeit«? – Wenn es keine Zeit mehr gibt. Wenn man *in* der Zeit sein Hertz in die Ewigkeit gesetzt hat und alle zeitlichen Dinge in einem tot sind, so ist das »Fülle der Zeit«.

Quando é a «plenitude do tempo»? – Quando não há mais tempo. Para aquele que, no tempo, colocou seu coração na eternidade e todas as coisas temporais estão mortas, é a «plenitude do tempo».<sup>18</sup>

A idéia de uma *plenitudo temporis* adquire um lugar central na concepção do tempo de Eckhart. A plenitude do tempo é, ao mesmo tempo, realização, superação e finalização do próprio tempo. Essa superação reconduz a pluralidade no Uno, o *duplex esse* no *unum esse*, o temporal no atemporal. No evento sempre renovado do *Gottesgeburt*, do nascimento do *logos* no fundo da alma, o tempo deixa de existir. A plenitude do tempo como superação do tempo significa, de fato, o fim objetivo do tempo na eternidade, “naquela finalidade que dá ao homem a direção de seu devir e, enquanto princípio, a unidade de origem e fim”.<sup>19</sup>

## V. *Nun der Zeit*

O núcleo fundamental da teoria do tempo em Eckhart é representado pelo conceito de “agora eterno”. O instante do tempo (*Nun der Zeit*), por um lado, é o ponto do tempo dentro do fluir temporal; por outro lado, o agora da eternidade (*nunc aeternitatis*), na sua dimensão atemporal, contém o próprio tempo. Nesse modo Eckhart pode afirmar que a criação é uma criação ininterrupta, assim como a geração do *logos*:

Der Seele Tag und Gottes Tag sind unterschieden. Wo die Seele in ihrem natürlichen Tage ist, da erkennt sie alle Dinge über Zeit und Raum; kein Ding ist ihr (da) fern oder nahe. Darum habe ich gesagt, daß alle Dinge gleich edel seien in diesem Tage. Ich sagte einst, daß Gott die Welt *jetzt* erschaff, und alle Dinge sind gleich edel in diesem Tage. Würden wir sagen, daß Gott die Welt gestern oder morgen erschüfe, so würden wir uns töricht verhalten. Gott erschaff die Welt und alle Dinge in einem gegenwärtigen Nun, und die Zeit, die da vergangen ist vor tausend Jahren, die ist Gott *jetzt* ebenso gegenwärtig und ebenso nahe wie die Zeit, die *jetzt* ist. Die Seele, die da steht in einem gegenwärtigen Nun, in die gebiert der Vater seinen eingeborenen Sohn, und in derselben Geburt wird die Seele wieder in Gott geboren. Das ist *eine* Geburt: so oft sie (= die Seele)

<sup>18</sup> ECKHART, M. *Op. cit.*, Predigt 12, p. 208.

<sup>19</sup> RUTA, C. R. *Op. cit.*, p. 100.

wiedergeboren wird in Gott, so oft gebiert der Vater seinen eingeborenen Sohn in sie.

O dia da alma e o dia de Deus são diferentes. Quando a alma está no seu dia natural, lá ela conhece todas as coisas acima do tempo e do espaço; nenhuma coisa lhe é (lá) distante ou próxima. Por isso eu disse que todas as coisas são igualmente nobres neste dia. Certa vez eu disse que Deus cria o mundo *agora*, e todas as coisas são igualmente nobres neste dia. Se disséssemos que Deus criou o mundo ontem ou amanhã, nos comportaríamos de forma insensata. Deus cria o mundo e todas as coisas em um instante presente, e o tempo, que passou há mil anos, é agora tão presente para Deus e tão próximo quanto o tempo que é agora. Na alma, que lá se encontra em um instante presente, o Pai gera seu Filho unigênito, e nesse mesmo nascimento a alma nasce novamente em Deus. Este é um *único* nascimento: assim como ela (= a alma) muitas vezes renasce em Deus, o Pai gera nela, muitas vezes, seu Filho unigênito.<sup>20</sup>

No Comentário ao Evangelho de João, Eckhart retoma a fórmula “*semper nascitur, sempre natus*” das Sentenças de Pedro Lombardo para afirmar a geração contínua:

Quod si sic, semper est in principio – nam et apud nos: tolle tempus, occidens est omnes -, et si semper in principio, semper nascitur, semper generatur; aut enim nunquam aut semper, quia principium sive in principio est semper.

Se for assim, é sempre *no princípio* – como entre nós: tira o tempo e o que mata todos, e, se for sempre *no princípio*, sempre nasce e sempre é gerado; portanto, ou nunca ou sempre, porque é sempre o princípio ou *no princípio*.<sup>21</sup>

Também no *Livro da Divina Consolação* o mestre dominicano reitera sua concepção de geração contínua:

Darum sagen die Heiligen, daß der Sohn so ewiglich geboren ist, daß er noch ohne Unterlaß noch geboren wird.

Por isso dizem os santos, que o Filho é gerado eternamente de tal modo que continua sendo gerado incessantemente.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> ECKHART, M. *Op. cit.*, Predigt 11, p. 205-206.

<sup>21</sup> ECKHART, M. *Expositio S. Evangelii secundum Joannem*. n. 2. Edição bilingue latim-francês: *Le Commentaire de l'Évangile selon Jean – Le Prologue (chap. 1, 1-18)*, (orgs.) A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn, Paris: Les Éditions du Cerf, 1989, n. 8, p. 36.

<sup>22</sup> ECKHART, M. *Die deutschen Werke*. Hsg. v. Joseph Quint, Kohlhammer, Stuttgart Berlin. DW V: *Traktate. Das Buch der göttlichen Tröstung*, p. 488.

O evento da geração do *logos* no fundo da alma abre a possibilidade, para o homem, de chegar àquela unidade na qual todo tempo se condensa no *nunc aeternitatis*. Quanto à dimensão temporal do mundo, existe a possibilidade de ela ser elevada para o “agora da criação”, no qual o homem, sempre em virtude do nascimento de *logos*, supera a alteridade diante de Deus e conquista a felicidade eterna.

Contudo, essa mesma dimensão temporal do mundo, ou melhor, este “espaço” interposto entre o tempo e a eternidade, entre a imperfeição e a perfeição, é também o tempo onde a esperança se torna possível. Quando o tempo, no ápice de sua degradação, toca o fundo do seu nada, descobre o fundo (*Grund*) eterno de sua esperança. Por isso a esperança reveste, no homem, um papel fundamental no âmbito do seu agir, do seu desejar e do seu saber. Ela é o remanso de serenidade no turbilhão do tempo, porque sempre assenta os fundamentos que dão solidez ao seu esperar.

## VI. Conclusão

Na relação entre o ser humano e Deus, vislumbra-se a presença do infinito no contingente através da esperança, que opera a transfiguração do hoje no agora eterno e realiza a união sem nenhuma mediação, aproximando o fluir do tempo ao remanso da eternidade.

Esse situar-se no “já e ainda não” da esperança representa a negatividade subjacente à dinâmica do Uno e do múltiplo e é imagem da morte mística, entendida como incorporação da negatividade ínsita à lógica que une e distancia seus princípios. A proposta desafiadora de Mestre Eckhart é pensar nas negações da esperança que dão forma às condições para que ela se torne possível.

\*\*\*

## Fontes

MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate*. München: Carl Hanser Verlag, 5. Auflage, 1978.

\_\_\_\_\_. *Die Deutschen Werke*. Hsg. v. Joseph Quint, Kohlhammer, Stuttgart Berlin.

\_\_\_\_\_. *Expositio S. Evangelii secundum Joannem*. n. 2. Edição bilingue latim-francês: *Le Commentaire de l'Évangile selon Jean – Le Prologue (chap. 1, 1-18)*, (orgs.) A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn, Paris: Les Éditions du Cerf, 1989.

\_\_\_\_\_. *Expositio Libri Génesis*. Edição bilingue latim-francês: *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues*, (orgs.) A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn, Paris: Les Éditions du Cerf, 1984.

- 
- \_\_\_\_\_. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1999, 4ª ed.
- 
- \_\_\_\_\_. *Sermões Alemães. Vol. I e II*. Bragança Paulista./Petrópolis: Ed. Universitária São Francisco/Vozes, 2006.

## Bibliografia

- BINDSCHEDLER, Maria. *Der lateinische Kommentar zum Granum sinapis*. Basel: Benno Schwabe & Co – Verlag, 1949.
- BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DE LIBERA, Alain. *La mystique rhénane, d'Albert le Grand à Maître Eckhart*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martin Fontes, 1998. Tradução: Eduardo Brandão.
- HAAS, F. *Mestre Eckhart: adiamento da união como espaço de vida*. Concilium n.º 258: Dogma – As múltiplas faces do divino, 1995/2.
- KOBUSCH, Teo. (org). *Filósofos da Idade Média. Uma introdução*. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos – Coleção História da Filosofia, 2000. Tradução: P. A. Soethe.
- LOSSKY, Vladimir. *Théologie Négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart*. Paris: Librairie Philosophique, 1998.
- MAÑÓN GARIBAY, G. *Identidad y diferencia en la filosofía del Maestro Eckhart*. Aná Mnesis – Revista semestral de investigación teológica publicada por los frailes dominicos de la provincia de Santiago de México, IX – 1999, n. 2.
- RASCHIETTI, Matteo. *Quaestiones Eckhartianae: o Uno e o Ser, a Alma, o Agora Eterno, o Nascimento do Logos*. Campinas: Unicamp, 2004, pp. 148-156. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br>.
- 
- \_\_\_\_\_. *A imagem sem imagem. Uma abordagem da teoria do conhecimento de Meister Eckhart através do princípio hermenêutico da imago-Bild*. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2008.
- RUH, Kurt. *Meister Eckhart. Teólogo, Predicatore, Místico*. Brescia: Morcelliana, 1989. Tradução de M. Vannini. Título da edição original: *Meister Eckhart: Theologe – Prediger – Mystiker*.
- RUTA, Carlos Rafael. *La negación de la Esperanza. Una aproximación al problema del tiempo en Meister Eckhart*. In: Aná Mnesis – Revista semestral de investigación teológica publicada por los frailes dominicos de la provincia de Santiago de México, VIII – 1997, n. 2.
- SACCON, Alessandra. *Nascita e Logos – Conoscenza e teoria trinitaria in Meister Eckhart*. Napoli: La Città del Sole, 1998. Coletânea do “Istituto Italiano per gli Studi Filosofici: Il Pensiero e la Storia – 41.
- STURLESE, Loris. *Recenti studi su Eckhart*. Giornale Critico della Filosofia Italiana, 66 (1987).